Dia 17 — São Silvino, Bispo

Nasceu São Silvino em Toulouse, na França, perto do fim do século sétimo; e, como era de uma família ilustríssima do Languedoc, viu-se obrigado a passar os primeiros anos de sua juventude na corte de Quilderico II e de Teodorico III. Era muito perigoso o posto para um jovem de boa disposição, de muito desembaraço e que lograva o favor do príncipe; nem teria sido fácil conservar-se na inocência se seu belo natural e a cristã educação que havia recebido de seus pais não fossem sustentados com especiais auxílios do céu, aos quais correspondeu sempre Silvino com muita fidelidade.

Por estas belas prendas, que lhe haviam granjeado a estima do rei e de toda a corte, pela pureza de seus costumes, por seu conhecido engenho e por seu raro mérito, era tido em toda a sua província pelo senhor mais cabal e mais cumprido de seu tempo. Pensavam seus pais em dar-lhe estado, e as mais nobres casas do Languedoc solicitavam com ânsia a honra de sua aliança; mas eram muito distintos os desígnios do Senhor, que o havia prevenido com tão particulares bênçãos de doçura.

Propuseram-lhe seus pais uma boda com certa senhorita das mais nobres de todo o país e das prendas mais apreciáveis. Silvino, embora estivesse muito alheio de pensar num estado tão pouco conveniente às grandes ideias de perfeição que sempre meditava, julgou que, depois de representar modestamente sua repugnância, devia render-se à vontade de seus pais, esperando que o Senhor, a quem estavam patentes as mais ocultas intenções de seu coração e seu perfeito rendimento a suas soberanas disposições, conduziria todas as coisas a seus fins. Celebraram-se os esponsais com magnificência e com alegria; mas Deus, que de tempo em tempo se compraz em dar à sua Igreja modelos insignes de um perfeito desapego e de uma magnanimidade verdadeiramente cristã, para confundir os covardes e os imperfeitos, fez conhecer tão bem a nosso santo a vaidade e o caduco ser de todos estes estabelecimentos perecedouros e a vantagem que se tira em não admitir outros laços que os que nos unem mais estreitamente com Deus, que resolveu Silvino romper os que acabava de formar e seguir o estado eclesiástico.

Livre já de uns grilhões que o escravizavam, aplicou-se unicamente a agradar ao Soberano dono a quem servia; e, tendo-se disposto para o sacerdócio com o exercício de todas as virtudes, recebeu as ordens sagradas.

Para poder seguir a Jesus Cristo com menos embaraço, desterrou-se voluntariamente de sua pátria e de seus parentes; mas, antes de fixar o sítio onde havia de retirar-se, empreendeu diferentes peregrinações a vários santuários, para conseguir de Deus, por intercessão dos santos cujos sepulcros visitava, a graça de que necessitava para lograr a perfeição a que aspirava.

Depois de ter visitado os principais santuários da Europa, deixando em todas as partes grandes monumentos de sua piedade e de seu zelo, empreendeu a peregrinação à Terra Santa, na Palestina, para imprimir mais vivamente em sua alma a memória da dolorosa paixão de nosso

Redentor, com a vista daquela terra regada com seu preciosíssimo sangue. Fez todas estas viagens com muita pobreza e com grandes trabalhos, pregando humildade e penitência com seu traje, com seu pobre alimento e com tudo o que representava.

Tem-se por certo que, ao voltar da Palestina, passou segunda vez por Roma e que, com esta ocasião, conhecendo o papa a eminente virtude de São Silvino, seus raros talentos e seu ardente zelo pela salvação das almas, o sagrou bispo. Os dois irmãos Santa Marta, célebres críticos da França, asseguram que foi bispo de Toulouse e sucessor de Santo Eremberto no ano de 690. Outros creem que o foi de Thérouanne, onde é certo que trabalhou muito e muito gloriosamente; mas não poucos são de parecer que não esteve ligado a igreja alguma particular e que só foi bispo apostólico, por outro nome regionário, e que recebeu do papa tanto a sagração como a missão apostólica para dedicar-se à conversão dos gentios em qualquer diocese onde os achasse.

Tendo voltado a passar os Alpes, entrou na Aquitânia, onde se pode dizer que estava quase sem cultivar a vinha do Senhor. Trabalhou com tanto fervor e com tanta felicidade que em pouco tempo refloresceu a Religião, estabelecendo-se a piedade em todas as partes, de maneira que parecia não deixar nada que desejar a seu zelo.

Resolveu, pois, ir buscar nova messe nos Países Baixos; e ali se deteve longo tempo, especialmente na diocese de Thérouanne, onde achou um campo muito dilatado para seu cultivo, não só pela multidão de gentios que se encontravam ainda, especialmente nas aldeias e lugares pequenos, mas porque os próprios cristãos, pelo trato que tinham com os infiéis, viviam em mil grosseiros erros e numa espantosa corrupção de costumes.

Serviu maravilhosamente para dar maior eficácia a seu zelo a fama que se havia antecipado da santidade do novo apóstolo e muito mais a experiência de que em nada era inferior à fama. Encantava a todos sua paciência e sua humildade; admiravam seu desinteresse e sua penitência; sua afabilidade e sua doçura conquistavam os corações; e, enfim, fazendo-se tudo para todos, ganhava a todos para Jesus Cristo.

Por espaço de quarenta anos não se sustentou mais que com ervas e raízes, proibindo-se inteiramente o uso do pão. Além de um áspero cilício, de que não se despiu até a morte, rodeava suas carnes com vários cintos de ferro, semeados de pontas tão agudas e tão apinhadas que seu corpo não era quase senão uma chaga. Dormia ou no duro chão ou numa tábua nua para tomar menos descanso; e em meio de tão assombrosa penitência ainda julgava que tinha uma vida muito frouxa; mas o mais admirável era que, sendo para si tão áspero e tão austero, era a mesma doçura para com os pecadores.

Sua casa foi sempre a casa dos pobres, e sempre tinha que dar-lhes, porque sua mesma abstinência lho oferecia. Pregava todos os dias, e muitas vezes ao dia; o restante do tempo empregava-o em instruir, em confessar e em visitar os enfermos. Seu zelo fez mudar logo de aspecto todo o país; e em meio daqueles povos, até então meio gentios, viu-se reviver o fervor dos primitivos cristãos.

Sobretudo tinha muito na alma que o ofício divino se celebrasse com majestade; que as igrejas estivessem ricamente adornadas; que tudo o que servisse ao altar e aos sagrados mistérios fosse

precioso; e que se cantasse todos os dias a missa com pompa e com solenidade. Inspirou a todos aqueles povos um singular respeito e uma suma veneração aos templos do Senhor, dispondo que sempre estivesse alguém em oração; podendo-se dizer de nosso santo que foi o inventor da piedosíssima devoção da oração contínua. Cheio de cansaço com tantos trabalhos, parecia que se lhe aumentava o zelo à proporção que as forças do corpo diminuíam. Enfim, depois de ter trabalhado com assombroso fruto em Thérouanne, em Boulogne, em Calais e em todos aqueles arredores, tendo perdido a esperança de conseguir a coroa do martírio com derramamento de seu sangue, como ardentemente o havia desejado, e não lhe permitindo seus achaques corporais retirar-se a um deserto para acabar nele seus dias, como toda a vida o havia apetecido, retirou-se a Auchy, no condado de Artois, lugar curto da diocese de Thérouanne, à margem do pequeno rio Ternoise, perto de Hesdin. Ali caiu enfermo e teve revelação do dia de sua morte. Todos os dias que durou a enfermidade ouviu missa e recebeu a sagrada comunhão. Na noite de um sábado, dia consagrado à santíssima Virgem, de quem toda a vida havia sido ternissimamente devoto, viu uma tropa de espíritos angélicos que vinham como a convidá-lo a que fosse tomar posse da glória que o Senhor lhe tinha preparado. Sentiu-se tão excessivamente transportado de alegria que começou a exclamar sem poder conter-se: Olhai, olhai os santos anjos que se nos aproximam e nos convidam a que os sigamos. Dizendo estas palavras, acompanhadas de um ardentíssimo amor de Deus e de uma terna confiança em sua Majestade, expirou no dia 15 de fevereiro do ano 718. O conde Adalscar e a condessa Aneglia, sua mulher, senhora de Auchy, fizeram enterrar o corpo de nosso santo com uma magnificência e com uma pompa que se parecia a um triunfo. No dia 18 do mesmo mês de fevereiro foi conduzido à nova igreja do mosteiro de religiosas que os condes acabavam de fundar para sua filha Sicilda, primeira abadessa do mesmo mosteiro, a qual adornou com preciosas lâminas de ouro e com ricas coroas o sepulcro de nosso santo, que em pouco tempo se fez célebre em toda a França pelos muitos milagres que obrou Deus por sua intercessão.

No ano de 880 entraram os normandos no país destruindo-o e talando-o, com cuja ocasião foram trasladadas a Herstal, perto de Liège, as relíquias de São Silvino, e desde ali foram levadas à abadia de Bèze, onde estiveram como em depósito até o ano de 951, em que o conde de Flandres, Arnoldo II, as fez transportar a Saint-Omer, na abadia de São Bertino, onde se veneram ao presente, com exceção de uma parte delas que se concedeu aos monges de Auchy.

São Juliano da Capadócia, Mártir

Pelos anos 308, obstinando-se o imperador Galério Maximiano em continuar sua horrorosa perseguição contra os cristãos, a quem chamava adoradores do crucificado, seguia suas ímpias intenções Firmiliano, governador de Cesareia da Palestina, um dos mais violentos inimigos dos inocentes fiéis, deleitando-se em tê-los em duras prisões para que seu martírio fosse maior e mais prolongado. O que não executou em dois anos contínuos de seu governo fê-lo, estimulado do inferno, com o seguinte motivo.

Chegaram a Cesareia cinco cristãos do Egito, chamados Elias, Jeremias, Isaías, Samuel e Daniel, com o fim de visitar os ilustres confessores de Jesus Cristo que se achavam em prisão, depois de ter satisfeito igual ofício de caridade com os que haviam sido condenados a sofrer o penoso

trabalho das minas, na Cilícia, pela fé de Jesus Cristo. Mas, quando entravam pelas portas da cidade, detiveram-nos os guardas, vendo-os estrangeiros, e perguntaram-lhes quem eram e a causa de sua vinda. Responderam os santos ingenuamente que eram cristãos, que vinham a Cesareia visitar seus irmãos presos por Jesus Cristo. Ouvida esta resposta, prenderam-nos imediatamente e os apresentaram ao governador, com o bem suposto de ser aquele um dos maiores serviços que podiam fazer-lhe. Informado este da causa, ordenou que os pusessem no cárcere até que deliberasse outros procedimentos. Despertou com este motivo o ódio que tinha aquele tirano contra os fiéis; e mandou que no dia dezessete de fevereiro se apresentassem em seu tribunal com Pânfilo, sacerdote, Valente, diácono, Porfírio, Seleuco, Paulo e Teódulo, venerável ancião, familiar do mesmo governador, respeitável por suas cãs e sua virtude; e, depois de um molesto interrogatório que lhes fez sobre religião, tendo-lhes feito sofrer indizíveis tormentos e achando-os sempre constantes na confissão da fé de Jesus Cristo, sentenciou-os à degola.

São Juliano, dito da Capadócia porque era daquela província, de quem neste dia faz comemoração o Martirológio Romano, foi um daquela ilustre comitiva, embora não se achasse naquele julgamento em companhia dos ditos mártires. Não sabemos coisa alguma de seus pais, nascimento, educação nem progressos, porque neste particular nada referem as atas antigas. Só diz Eusébio que era um varão santíssimo, sumamente ingênuo, fidelíssimo, admirável em todas as suas ações e cheio do Espírito Santo. Era recém-chegado a Cesareia quando se publicou a expressada sentença; e, inspirado do mesmo Espírito, quis ver em sua execução a constância dos mártires, por cuja glória suspirava cada dia, ansioso de derramar seu sangue para selar com ele as verdades eternas de nossa religião. Mas, tendo chegado tarde ao suplício e vendo estendidos os corpos dos santos pelo chão, lançou-se sobre os veneráveis cadáveres sem temor dos pagãos e foi beijando-os e abraçando-os a cada um, para suprir os piedosos ofícios que desejava ter-lhes feito em vida, celebrando, cheio de gozo, os triunfos que conseguiram do inferno.

Os soldados a quem estava encarregada a custódia daqueles corpos até que se cumprisse a providência que diremos, vendo neste fato nada equívoca a religião que professava, amarraram-no no mesmo momento e, depois de maltratá-lo furiosamente, apresentaram-no a Firmiliano, notificando-lhe o sucesso.

Não satisfeito este tirano com o inocente sangue que acabava de derramar, empreendeu o interrogatório deste novo prisioneiro e, achando-o tão constante na confissão da fé e tão disposto a sofrer os tormentos como os mártires precedentes, fez acender uma grande fogueira e mandou que, lançado nela precipitadamente, ardesse até ficar reduzido a cinzas. Ouviu Juliano a sentença com imponderável gozo e, aproveitando-se dos instantes que lhe restavam até a execução, cantava vários cânticos de louvores ao Senhor, dando-lhe repetidas graças pela mercê que lhe fazia de que padecesse por seu amor; e dizia: «Eu vos rogo que queirais receber em holocausto o sacrifício que vos faço de minha vida voluntariamente. Quando se consumará, para que minha alma se junte com a de vossos justos na eternidade!» Assim clamava Juliano, mantendo em extática admiração os executores do suplício pelo júbilo que manifestava em padecer aquela terrível combustão, capaz de intimidar os espíritos mais animosos. Por último, entregue às chamas, foi abrasada a vítima e completado o sacrifício.

Quis vingar-se o governador, já que em vida não pôde reduzir os mártires a que apostatassem da religião de Jesus Cristo, mandando que seus cadáveres ficassem no lugar do suplício por espaço de quatro dias, com o fim de que as feras os devorassem; mas, não se atrevendo estas a tocá-los, por disposição divina, puderam recolhê-los íntegros os cristãos para dar-lhes sepultura. Não ficou impune o tirano que com tanta soberba e crueldade procedeu contra os santos, como nem os cúmplices na injustiça, pois todos morreram infelizmente por causa de seus delitos.

Martirológio Romano

Em Roma, o martírio de São Faustino e de outros quarenta e quatro mártires que participaram de sua vitória.

Na Pérsia, a festa de São Policrônio, bispo de Babilônia, o qual, tendo-se-lhe quebrantado a boca com pedras na perseguição de Décio, levantando as mãos e os olhos ao céu, entregou seu espírito.

Em Concórdia, os santos mártires Donato, Secundiano e Rômulo, com outros oitenta e seis que participaram da mesma coroa.

Em Cesareia da Palestina, o santo velho Teódulo, doméstico do governador Firmiliano, o qual, animado com o exemplo dos mártires, confessou publicamente a Jesus Cristo e, posto numa cruz, triunfou gloriosamente do inimigo e ganhou a palma do martírio.

Ali mesmo, São Juliano da Capadócia, o qual, beijando por devoção os corpos dos mártires que acabavam de morrer, foi denunciado como cristão e conduzido diante do juiz, por cuja ordem foi queimado a fogo lento.

No território de Thérouanne, São Silvino, bispo de Toulouse.

Na Irlanda, São Fitano, presbítero e confessor.

Em Florença, o bem-aventurado Aleixo Falconieri, um dos sete fundadores da ordem dos servitas, o qual terminou santamente sua vida aos cento e dez anos de idade, depois de ter sido regalado com a presença de Jesus Cristo e dos anjos.

Missa (oração)

A missa é a que se diz do comum de um confessor pontífice, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Exaudi, quæsumus, Domine, preces nostras, quas in beati Silvini confessoris tui atque pontificis solemnitate deferimus: et qui tibi digne meruit famulari, ejus intercedentibus meritis, ab omnibus nos absolve peccatis: Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ouvi, Senhor, benignamente as súplicas que vos fazemos na festividade de vosso bem-aventurado confessor e pontífice Silvino; e, assim como ele vos serviu dignamente, assim também esperamos que por sua intercessão nos livreis de todos os nossos pecados: Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 13 do apóstolo São Paulo aos Hebreus.

Hebreus 13,7-17

> **Latim:** 7 Mementote præpositorum vestrorum, qui vobis locuti sunt verbum Dei : quorum intuentes exitum conversationis, imitamini fidem. 8 Jesus Christus heri, et hodie : ipse et in sæcula. 9 Doctrinis variis et peregrinis nolite abduci. Optimum est enim gratia stabilire cor, non escis : quæ non profuerunt ambulantibus in eis. 10 Habemus altare, de quo edere non habent potestatem, qui tabernaculo deserviunt. 11 Quorum enim animalium infertur sanguis pro peccato in Sancta per pontificem, horum corpora cremantur extra castra. 12 Propter quod et Jesus, ut sanctificaret per suum sanguinem populum, extra portam passus est. 13 Exeamus igitur ad eum extra castra, improperium ejus portantes. 14 Non enim habemus hic manentem civitatem, sed futuram inquirimus. 15 Per ipsum ergo offeramus hostiam laudis semper Deo, id est, fructum labiorum confitentium nomini ejus. 16 Beneficentiæ autem et communionis nolite oblivisci : talibus enim hostiis promeretur Deus. 17 Obedite præpositis vestris, et subjacete eis. Ipsi enim pervigilant quasi rationem pro animabus vestris reddituri, ut cum gaudio hoc faciant, et non gementes : hoc enim non expedit vobis.

Português: 7 Lembrai-vos dos vossos prelados, que vos fallárao a palavra de Deos: cuja fé haveis de imitar, considerando qual haja sido o fim da sua conversação. 8 Jesu Christo era hontem, e he hoje: o mesmo tambem será por todos os seculos. 9 Não vos deixeis tirar do caminho por doutrinas varias, e estranhas. Porque he muito bom fortificar o coração com a graça, não com vian-das: que não aproveitárao aos que andaráo nellas. 10 Nós temos hum altar, do qual os ministros do tabernáculo não tem faculdade de comer. 11 Porque os corpos d’aquelles animaes, cujo sangue he

mettido pelo pontifice no santuario para expiação do peccado, são queimados fóra dos arraiaes. [12] Pelo que tambem Jesus, para que santificasse ao povo pelo seu sangue, padeceo fóra da porta. [13] Saíamos pois a elle fóra dos arraiaes, levando sobre nós o seu opprobrio. [14] Porque não temos aqui cidade permanente, mas vamos buscando a futura. [15] Offereçamos pois por elle a Deos sem cessar sacrificio de louvor, isto he o fruto dos labios, que confessão o seu nome. [16] E não vos esqueçais de fazer bem, e de repartir dos vossos bens com os outros: porque com taes offrendas he que Deos se dá por obrigado. [17] Obedecei a vossos superiores, e sede-lhes sujeitos. Porque elles vé-lão, como quem ha de dar conta das vossas almas, para que fação isto com gozo, e não gemendo: pois isto he huma cousa que vos não convem.

Nota

«Já se disse em outra parte que, achando-se ainda em Roma o apóstolo São Paulo no ano do Senhor de 63, escreveu aos hebreus, isto é, aos judeus convertidos que estavam em Jerusalém e na Palestina, para confirmá-los na fé e para alentá-los a sofrer com paciência a perseguição que padeciam dos outros judeus. Neste capítulo mostra-lhes a vantagem que tem o altar e o sacrifício do testamento novo sobre o antigo; pois a vítima de nosso sacrifício é o mesmo corpo de nosso Senhor Jesus Cristo.»

Reflexões

Mementote præpositorum vestrorum, qui vobis locuti sunt verbum Dei: quorum intuentes exitum conversationis, imitamini fidem. Podemos dizer que não somos só discípulos, mas filhos dos santos. Mas honramo-nos acaso de ter tais mestres? E não degeneramos da santidade de nossa origem? Somos muito semelhantes àqueles grandes modelos de virtude? Imitamos sua fé? Conformamo-nos com suas máximas? Seguimos seus exemplos? Quanta diferença há de seus costumes aos nossos! Pois a mesma haverá também em nossa eterna sorte e na sua. *Jesus Christus heri, et hodie: ipse et in sæcula*: o mesmo Cristo, as mesmas verdades, a mesma doutrina, as mesmas máximas temos que eles. A fé da Igreja de nosso tempo é a mesma que a fé dos apóstolos. Não temos diferente Evangelho do que tiveram os primeiros cristãos; temos todos a mesma regra para os costumes, uns mesmos princípios de caridade, uns mesmos fundamentos de esperança. Como não há outro caminho para ir ao céu que o que Jesus Cristo nos abriu, é indispensavelmente necessário que sigamos suas pisadas. Jesus Cristo é o mesmo hoje que era ontem, nem sua doutrina pode padecer mudança, nem sua moral alteração. Que manancial de reflexões e que justíssimo motivo de mil temerosos espantos neste doloroso cotejo de costumes, de máximas e de conduta! É possível que nada vamos arriscar em parecermo-nos tão pouco com os primeiros cristãos? E será título suficiente para autorizar nossa estragada vida a corrupção e a desordem do século em que vivemos? *Doctrinis variis et peregrinis nolite abduci*: guardai-vos bem, acrescenta o Apóstolo, de deixar-vos levar da variedade de opiniões e de tomar gosto a doutrinas novas e peregrinas. E certamente, que maior erro, que maior loucura que preferir as fantásticas, as temerárias ideias de alguns vãos engenhos à pura doutrina de Jesus Cristo, cuja única depositária é

a santa Igreja católica? Nenhum herege houve que não se tenha jactado de ensinar o Evangelho puro. Aquela afetada aparência de modéstia e de severidade, aquele vão aparato de reforma, que foi sempre comum a todos os inimigos da Igreja, seu fim se tem: por este meio, diz São Paulo, enganaram os simples e os incautos.

Mas os que se deixaram deslumbrar dessas vãs exterioridades serão escusáveis de ter caído em semelhantes laços? Não é de fé que não há salvação fora da santa Igreja, que quem dela se aparta se descaminha e necessariamente se precipita no erro? Se se suscita variedade de opiniões, acudamos ao oráculo, pois já proveu Jesus Cristo de remédio infalível para curar estes achaques e para sossegar estas inquietudes do espírito humano, deixando seu santo espírito na Igreja. Falou esta; pois cale e emudeça todo espírito. *Obedite præpositis vestris, et subjacete eis*: Obedecei, continua o Apóstolo, aos que estão destinados a governar. Nunca se conhece melhor o espírito de erro que na falta de submissão; é inseparável da teimosia e da sedição. Muito digno de compaixão é aquele em quem o espírito e o coração se põem de acordo para perseverar no engano.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 11 de São Lucas.

Lucas 11,33-36

> **Latim:** 33 Nemo lucernam accendit, et in abscondito ponit, neque sub modio : sed supra candelabrum, ut qui ingrediuntur, lumen videant. 34 Lucerna corporis tui est oculus tuus. Si oculus tuus fuerit simplex, totum corpus tuum lucidum erit : si autem nequam fuerit, etiam corpus tuum tenebrosum erit. 35 Vide ergo ne lumen quod in te est, tenebræ sint. 36 Si ergo corpus tuum totum lucidum fuerit, non habens aliquam partem tenebrarum, erit lucidum totum, et sicut lucerna fulgoris illuminabit te.

Português: 33 Ninguem accende huma candéia, e a põe em hum lugar escondido, nem debaixo de hum alqueire: mas sobre hum candieiro, para que os que entrão vejão a luz. 34 O teu olho he a luz do teu corpo. Se o teu olho for simples, todo o teu corpo será lucido: se porém for mão, tambem o teu corpo será tenebroso. 35 Olha pois bem que a luz, que he em ti, não sejão trévas. 36 Se pois o teu corpo for todo lucido, sem ter parte alguma tenebrosa, todo elle será luminoso, e allumiari-te-ha, como huma luzerna de brillante luz.

Meditação

Primeiro ponto

Considera que Deus não é menos necessariamente nosso último fim do que é nosso primeiro princípio; e que, assim como nada há em nós que não provenha de Deus, assim tampouco nada deve haver que não se refira ao mesmo Deus. Desejos, intentos, máximas, empresas: Deus deve ser o primeiro móvel, o principal motivo, o único objeto de tudo. As obras que não estão seladas com este selo são de nenhum valor. Assentando este princípio, pergunto: Somos ricos de boas obras?

A intenção é a que caracteriza. As melhores ações não só perdem seu preço pela falta de reta intenção, mas são frutos podres logo que se fazem com intenção viciosa. As esmolas e as penitências farisaicas são penitências e esmolas perdidas. Todo o seu fruto e todo o seu mérito é uma vã ostentação, que não poucas vezes só produz o menosprezo. Esta é aquela vista pura, aquela vista clara, por cujo meio se deriva a luz a todo o corpo: *Si oculus tuus fuerit simplex, totum corpus tuum lucidum erit.* Meu Deus, quão digno de compaixão é o que não trabalha unicamente por vós!

Ainda que não nos obrigasse tão estreitamente a mesma justiça a referir todas as nossas ações a Deus, deveria empenhar-nos nisso nosso próprio interesse. Não há ação boa que a boa intenção não torne melhor; não há ação, por baixa que pareça, que não a eleve esta reta intenção. Aquelas duas dracmas que ofereceu a pobre viúva não valiam mais que a quarta parte de um soldo romano; e, não obstante, por declaração do mesmo Salvador, esta pobre viúva ofereceu mais que todos os outros juntos. Não tem Deus necessidade de nossos bens; para nada necessita de nossos serviços ruidosos, nem sequer de nossos sacrifícios; só quer nosso coração, só atende ao motivo de nossas operações e, rigorosamente falando, só examina e só premia nossas intenções. Bom Deus, que segredo tão admirável para enriquecer-se em pouco tempo e com facilidade! Mereceremos bem nossa pobreza e nossa miséria se, podendo sair dela a tão pouca custa e com tanto ganho, desprezamos um meio tão útil e tão fácil.

Compreendamos bem o mérito deste admirável segredo. Não é grande vantagem poder chegar a uma santidade extraordinária sem fazer mais que uma vida muito comum; poder juntar grandes tesouros para o céu sem especial fadiga, adquirir grandes méritos sem ser necessário fazer grandes ações? Pois tudo isto é efeito da pureza de intenção; estes maravilhosos efeitos produz a pureza do motivo, o olhar a Deus em todas as ações, o desejo puro e perfeito de agradar-lhe.

Que perdas não fiz, meu Deus, por ter-vos perdido de vista na maior parte de minhas ações! Dai-me graça para que me aproveite das que me restam por fazer.

Segundo ponto

Considera quão digno de compaixão é o que trabalha e não trabalha por Deus. Padeça-se o que se padecer, afane-se o que se afanar, façam-se as coisas grandes que se fizerem, tudo se esquece, tudo se sepulta conosco. Nada se toma em conta na outra vida senão o que se fez por Deus. Meu Deus, e que de trabalhos perdidos nesta! Afana-se, sua-se, sacrifica-se o descanso, gasta-se a saúde; e por quem, quando não é por Deus? Que se ganha quando se trabalha tanto por outro? Um instante depois da morte, que consolo, que gosto se achará no que se trabalhou pelos homens até aquela hora?

Oh, que suor tão perdido o que se gasta em serviço do mundo! Há amo mais duro, mais intratável, mais ingrato? Mas há tampouco melhor servido? Que coisas não pede aos que o servem? Suores, pontualidade, dependência, escravidão. E depois de tudo, com que os premia, com que os recompensa? Muitas vezes, embora se tenham tido os melhores desejos, embora se tenham aplicado os meios mais laboriosos, se não corresponde o sucesso, nada do que fizeste se te agradece. Passarás anos inteiros em fazer méritos, e nem sequer se repara no que fazes; mas descuida-te em alguma coisinha, embora seja a mais leve, embora seja por inadvertência, desprezam-te, despedem-te, lançam-te fora, não fazem caso de ti. Nem há que alegar a boa vontade, porque essa moeda não passa no mundo. Nele só se julga do mérito das ações pelo êxito; e depois de tudo, embora o êxito seja bom, com que se o premia?

Ah, que é muito mais fácil dar gosto a Deus! Não é preciso tanto estudo, nem tanta violência, nem tanto artifício. Certo estou de que lhe dou gosto só com querer sinceramente dar-lho; agradece tudo quanto faço por sua glória e recebe em conta não só o que faço, mas até o que não posso fazer, quando quisera fazê-lo por seu amor; atende mais à intenção e ao desejo que à mesma ação. Oh, que coisa tão doce o servir a tão bom amo! Mas, e que desconsolo tê-lo conhecido tão pouco ou tê-lo servido tão mal!

Que é o que eu busco em minhas ações, meu Deus, quando não vos busco a vós? A estima dos homens: que coisa mais vã! Algum aplauso: que coisa mais oca! Minha própria satisfação, meu próprio gosto: que coisa mais superficial e menos duradoura! Mas será possível que eu conheça todas estas verdades e que nem por isso deixe de ser nem menos imperfeito nem menos imprudente! Tudo espero, Senhor, de vossa misericórdia e, cheio de uma doce confiança, atrevo-me a propor que de hoje em diante sereis vós o único objeto, o único motivo e o fim principal de todas as minhas ações.

Jaculatórias

> *Oculi mei semper ad Dominum.* Sl 24.

Sempre terei fixos meus olhos no Senhor.

>

> *Deus meus es tu, et confitebor tibi; Deus meus es tu, et exaltabo te.* Sl 117.

Tu és meu Deus, e em todas as minhas ações te renderei vassalagem; tu és meu Deus, e em tudo quanto fizer atenderei sempre a tua glória.

Propósitos

1. Diz o Sábio que o justo em curtos dias de duração corre longos anos de vida, porque são dias cheios todos os que vive. Este segredo se deve à pureza de intenção; ela faz virtuosas as ações mais comuns e mais indiferentes; ela cuida de que nada se perca, e por esta piedosa indústria se enriquece a alma em pouco tempo. Nem há que pensar que esta seja uma pura piedosa devoção; é uma obrigação essencial de nossa religião, que nos manda pôr todas as nossas ações a render para a outra vida. Grande perda e grande falta será descuidar-nos neste dever. Toma uma forte resolução de evitar daqui em diante este duplo motivo de arrependimento; propõe firmemente não fazer coisa por mera inclinação, por gênio, por humor, por capricho, nem muito menos por paixão; não te contentes com a intenção geral que deves fazer pela manhã, ao tempo de oferecer as obras, de dirigir a Deus todas as ações do dia; tem cuidado de purificar a intenção ao princípio de cada obra particular. Era costume dos maiores santos não empreender coisa alguma sem levantar os olhos ao céu e dizer: Senhor, por vosso amor vou fazer esta obra. Santo Inácio queria que ainda durante a mesma se renovasse muitas vezes esta pureza de intenção. Quem está bem persuadido de que tudo o que não se faz com bom fim é obra perdida conhece a necessidade que há de refletir frequentemente o motivo por que se trabalha. Tem presente em tua memória, mas tem muito mais altamente gravada em teu coração, esta importantíssima lição do Apóstolo: Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para maior glória de Deus. Muitos, como diz o profeta Ageu, levam o dinheiro do jornal em saco roto; semeiam muito e colhem pouco por falta de pureza de intenção. Olha sempre esta como uma das obrigações mais importantes do cristão. Vais comer, vais descansar? Voltas aos exercícios de teu emprego, aos ministérios de tua ocupação? Tomas alguma diversão honesta, algum desafogo, algum decente recreio? Procura que seja sempre Deus o princípio e o fim de tudo e dize-lhe: Senhor, em nada disto busco nem minha satisfação, nem meu interesse, nem minha glória; desejo fazê-lo tudo unicamente por agradar-vos. Tem presente que a melhor intenção nunca pode tornar boa uma má ação; mas a melhor ação pode viciar-se e se vicia quando é má a intenção. Isto te fará compreender o mérito e a importância da pureza de intenção.

2. O amor-próprio é muito engenhoso para enganar-nos, e nós muito fáceis em deixar-nos enganar. Não poucas vezes nos movemos unicamente por seu impulso e estamos muito persuadidos de que nos governamos pela impressão da graça. Parece-nos que trabalhamos pela glória de Deus, e em realidade só trabalhamos por nossa própria glória; aqui nos faz traição o coração. Queres conhecer se Deus é o verdadeiro motivo e o fim de todas as tuas ações? Pois atende com cuidado aos sinais seguintes. Primeiro: Examina se no que fazes não tens mais à vista o bom êxito que o gosto de fazer o que Deus quer. Nosso orgulho sempre busca algum fruto de seu gosto em tudo o que pode granjear estima diante dos homens. Desconfiemos muito de todo desejo muito vivo de sair bem no

que empreendemos: dediquemo-nos a fazer tudo o que manda e quer Deus; mas coloquemos o bom êxito em fazer perfeitamente o que quer. Segundo: Se fazes com tanto gosto o que te manda a obediência como o que executas por tua eleição. Terceiro: Se estás tão contente em deixar à primeira ordem da obediência aquilo em que te ocupas com êxito e o lugar onde trabalhas com tanto fruto, como em ficar lá. Todas essas devoções de preferência, todas essas predileções de empregos e de boas obras são muito suspeitas. Quando só se pretende agradar a Deus, só se quer o que a sua Majestade lhe agrada.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:45:01 by Admin
Updated 20 November 2026 20:45:02 by Admin